

O PAPEL DOS EDIFÍCIOS ICÓNICOS NA CONFORMAÇÃO DA CIDADE CONTEMPORÂNEA – ANÁLISE ARQUETÍPICA DE PROEMINENTES EQUIPAMENTOS PÚBLICOS DE CURITIBA

ANDRÉ LUÍS CORDEIRO DA COSTA*

Resumo: Um conjunto de equipamentos públicos implementados em Curitiba, capital do Estado do Paraná, Brasil, a partir da década de 1980, é o objeto de estudo desta investigação. O objetivo está na compreensão do papel desempenhado por eles na conformação da cidade, sobretudo a partir do estímulo à criação de fortes imagens mentais, percebido como crucial ao processo de identificação dos lugares. Nesse sentido, explora-se uma possível abordagem para o estudo do lugar e de seus elementos constituintes, ostensíveis na paisagem urbana e comparáveis entre si através dos elencos de afinidade e analogia de princípios formais lógicos. Visualmente, reconhece-se nessas construções o emprego de arquétipos que ao aludir à memória coletiva, aproximam as dimensões históricas, culturais e urbanas, alterando intencionalmente o *genius loci*, entendido como o espírito do lugar.

Palavras-chave: Cidade Contemporânea, Arquétipos, Edifícios Icônicos, Lugares e Significados, *Genius Loci*.

Abstract: A set of public equipment implemented in Curitiba, capital of the State of Paraná, Brazil, in the 1980s, is the study object of this investigation. The objective is to understand the role played by them in the conformation of the city, especially due to the creation of strong mental images, crucial to the process of identifying places. In this sense, a possible approach for the study of the place and its constituent elements, ostensible in the townscape and comparable to each other through the analogy and affinity of formal logical principles method, is explored. Visually, it is recognizable in those constructions the use of archetypes that alluding to the collective memory, approximate the historical, cultural, and urban dimensions, intentionally altering the *genius loci*, perceived as the spirit of places.

Keywords: Contemporary City, Archetypes, Iconic Buildings, Places and Meanings, *Genius Loci*.

* Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto | FAUP. andreluis_costa@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Recorrentemente, a expressão *cidade contemporânea* vem sendo utilizada como sinônimo para *cidade moderna*, *ecologicamente sustentável* e até mesmo para *cidade globalizada*. Entretanto, no presente trabalho é empregue para designar os aglomerados urbanos que se expandiram consideravelmente a partir da segunda metade do século XX, sobretudo na América, onde essa expansão teria ocorrido manifestamente por questões políticas e económicas¹. As cidades latino-americanas são relativamente recentes em comparação com as europeias e não apresentam, tal como estas, ligações tão evidentes com o passado. O que não significa, contudo, que tenham surgido ao acaso ou que não possuam valores históricos. Pelo contrário, comumente são cidades idealizadas, nas quais se percebe através da análise de seus equipamentos urbanos, a presença de uma série de conexões previa e propositalmente instituídas. A hipótese de que Curitiba, capital do Estado do Paraná, Brasil, enquadrar-se-ia em semelhante situação, para além de suscitar polémicas que estimulam o debate académico e, conseqüentemente, aprofundam o exercício crítico, justifica a presente investigação.

DESENVOLVIMENTO

1. Os *signos* são instrumentos de comunicação e representação, pelo que é através deles que se configura linguisticamente a realidade e se distinguem os mais variados objetos pertencentes ao universo objetivo². Basicamente, constituem uma relação complexa entre os sons (ou uma sequência deles), as respectivas correspondências gráficas e os *conteúdos* e *significados* que se lhes atribuem a partir de convenções culturais³. Nesse sentido, entende-se *o símbolo como um tipo especial de signo*, um elemento crucial do processo comunicativo que é compreendido de maneiras distintas consoante à *região cultural* em que se insere, relacionado, portanto, a questões étnicas, linguísticas, políticas, tecnológicas, entre outras. «A simbolização implica ‘traduzir’ para outro meio um significado experimentado. [...] O objetivo da simbolização é libertar o significado da situação imediata, por meio do que se torna um ‘objeto cultural’ [...]»⁴.

¹ COLQUHOUN, 2004: 197-200.

² «O signo linguístico não une uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica» (SAUSSURE, 2006: 80).

³ «Combinação do conceito e da imagem acústica» (SAUSSURE, 2006: 81).

⁴ NORBERG-SCHULZ, 1976: 453.

2. Admite-se que a confecção de objetos resulta numa materialização simbólica, tornando-os bens culturais diretamente associados aos estágios de desenvolvimento da sociedade⁵. Como reflexos de uma determinada intenção, solução para uma necessidade específica ou a exploração de novas possibilidades, esses símbolos consistem em parâmetros empregues na classificação dos diferentes períodos históricos e movimentos artísticos. De facto, ao considerar uma moeda grega, uma romana e outra contemporânea, por exemplo, verifica-se que apesar de possuírem a mesma *função e forma*, o que lhes conferiria o *caráter* de moeda, não possuem o mesmo significado e, por consequência, conteúdo. Podem, em certa altura, terem possuído valores de uso e de troca semelhantes, porém com o passar do tempo e as transformações sociais, certamente tiveram os seus valores consideravelmente alterados.

3. Reconhece-se, então, que tudo o que é compreendido pelo homem possui um caráter, e destituído dele, a compreensão plena dos objetos não será possível⁶. Entretanto, quando o caráter do objeto é considerado tão somente como uma relação entre a forma e a função ou entre a forma e a estrutura, não é capaz de determinar *per se* a sua condição real, isto é, tudo o que ele estará a representar. Acredita-se que, para além da consideração às dimensões formais funcionais e estruturais, o verdadeiro caráter dos objetos possuirá dimensões referentes tanto ao significado quanto ao conteúdo. Ademais, «a funcionalidade dos objetos modernos torna-se historicidade do objeto antigo (ou marginalidade do objeto barroco, ou exotismo do objeto primitivo) sem todavia deixar de exercer uma função sistemática de signo»⁷. Por isso, para além dos *valores de uso* e de *troca*⁸, atribuem-se também aos objetos *valores simbólicos*⁹, diretamente associados aos fenômenos de *comunicação*¹⁰ e de *significação*¹¹.

4. Uma vez que esses objetos resultam das intenções e a ações do homem sobre a superfície – obtidos em decorrência do seu grau conhecimento e estágio de adiantamento – estarão incutidos de expressão artística e, sendo assim, é perfeitamente possível lhes atribuir o estatuto de obra de arte. São, portanto, *artefactos*¹² ou, no âmbito arquitetônico, as construções que delimitam e conformam as vias e os espaços, como os parques, as praças, os jardins, e os demais componentes do

⁵ Cf. LEMOS, 1987, 2006: 7-11.

⁶ BAEZA, 2013:77-79.

⁷ BAUDRILLARD, 2015: 82.

⁸ COLQUHOUN, 1981: 275.

⁹ Cf. BORDIEU, 2015: 99-104.

¹⁰ AGREST & GANDELSONAS, 1973: 133.

¹¹ Presume-se que, independentemente das intenções originais, todo objeto não só seria capaz de transmitir mensagens, como possuiria também um significado (Cf. WAISMAN, 2013: 183).

¹² Junção das palavras *arte e facto* (razão) (Cf. BAEZA, 2013:78).

ambiente construído. Somam-se a este ambiente, os monumentos, «[...] do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* ('advertir', 'lembrar'), aquilo traz à lembrança alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de trocar, pela emoção, uma memória viva»¹³. Suas motivações variam, por exemplo, da homenagem póstuma, expressa por esculturas, estátuas e lápides, aos memoriais de guerra e aos marcos de conquista territorial, como o marco-padrão português (Fig. 1).

5. Estruturas dotadas de grande valor simbólico a partir das quais se torna mais fácil ao homem estabelecer relações entre si e a realidade que o cerca, os edifícios monumentais serão, na verdade, a junção da construção com o monumento: o edifício-monumento. Verdadeiros *marcos referenciais*¹⁴, podem ou não ser dotados da *monumentalidade*, capacidade dos artefactos de criarem *círculos de presença* devido às dimensões e proporções físicas avantajadas que possuem, destacando-se dos demais. Em grandes cidades brasileiras como Curitiba, observa-se que ao mesmo tempo em que são conformados pelas legislações urbanísticas – nas cada vez mais raras ocasiões em que se percebe uma ação relativamente direta do domínio *público* sobre o *privado* – os edifícios monumentais acabam por conformar os espaços públicos livres (Fig. 2). Para além de agentes conformadores do espaço, são, pois, transformadores da paisagem urbana e contundentes unidades geradoras de *lugares*¹⁵.

6. O espaço é uma construção mental, teórica, genérica e indefinida, baseia-se em medidas, posições e relações entre os objetos numa condição tridimensional, enfim, é idealizado e mensurado a partir da concepção de artificiais¹⁶. O que não significa, contudo, que ele seja apenas uma noção essencialmente matemática: é, antes, uma dimensão existencial¹⁷. Já o *lugar* é o espaço experimentado, transformado pelas *cargas emocionais* que lhe são atribuídas pelo homem, e por isso adquire um estatuto concreto, empírico, articulado, «[...] definido por substantivos, pela qualidade das coisas e dos elementos, pelos valores simbólicos e históricos; é ambiental e, do ponto de vista fenomenológico, está relacionado com o corpo humano»¹⁸. É *onde a mente toca o sítio* e cria uma atmosfera a partir da qual as relações com o mundo são estabelecidas, como um produto da *experiência sensorial* nas mais distintas concepções que o termo abrange¹⁹.

¹³ CHOAY, 2006: 17-18.

¹⁴ Cf. LYNCH, 1997, 2006: 88-92.

¹⁵ ROSSI, 2001: 116-117.

¹⁶ Cf. MONTANER, 2012: 33.

¹⁷ NORBERG-SCHULZ, 1976: 449.

¹⁸ MONTANER, 2012: 33.

¹⁹ UNWIN, 2013: 27.



Fig. 1.
Marco-padrão português. São Vicente, 2005 e São Pedro do Estoril, 2016.
Fonte: Daniel Mass e acervo do autor.

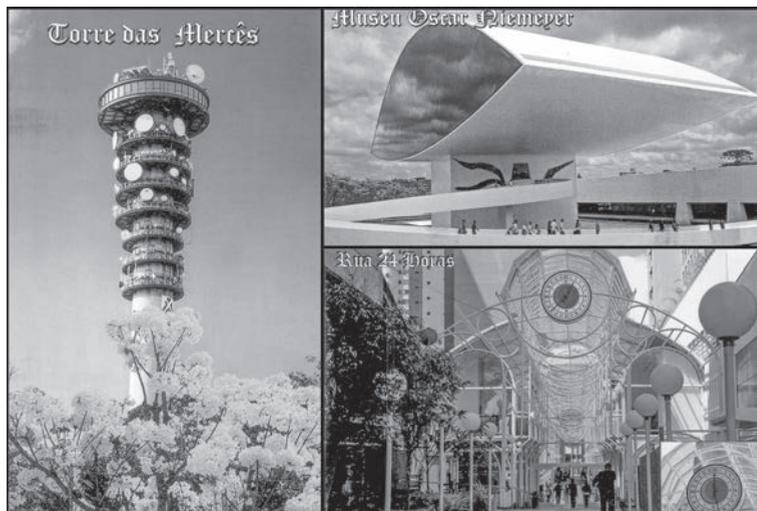


Fig. 2.
Edifícios na Avenida Paulista e vão-livre do Museu de Arte de São Paulo (MASP), numa manhã de domingo.
Fonte: acervo do autor.



Fig. 3.
Cartões-postais de Curitiba contendo o Jardim Botânico Municipal, a Universidade Livre do Meio Ambiente, a Ópera de Arame e o Bosque João Paulo II.
Fonte: acervo do autor.

Fig. 4.
Cartões-postais de Curitiba contendo a Torre Panorâmica das Mercês, o Museu Oscar Niemeyer e a Rua 24 horas.



7. Entende-se o lugar, portanto, como uma condição *sine qua non* da arquitetura: «o propósito existencial do construir (arquitetura) é fazer um sítio tornar-se um lugar, isto é, revelar os significados presentes de modo latente no ambiente dado»²⁰. Quando o espaço é vivenciado pelo homem a partir das experiências sensoriais, torna-se um lugar e a construção, torna-se arquitetura. Todos os lugares assumem um caráter de centro existencial, uma *imago mundi* ou microcosmo, conjunto de significados apreendidos pelo homem cuja reunião não prescinde da simbolização e da transposição de sentidos. Esses sentidos podem ser modificados com o passar dos anos dentro de certas limitações definidas pela capacidade do lugar em “receber” novos conteúdos, consoante os *modelos da realidade* adoptados pelo homem como base para as suas ações²¹.

8. A maneira pela qual o homem se identifica visualmente com o ambiente estaria intimamente associada à paisagem, que por sua vez necessita de um espaço de enquadramento em benefício do estabelecimento das boas relações entre as pessoas com a cidade e o mundo que as cerca:

É bem verdade que precisamos de um ambiente que não seja simplesmente bem organizado, mas também poético e simbólico. Ele deve falar dos indivíduos e de sua complexa sociedade, de suas aspirações e tradições históricas, do cenário natural, dos complexos movimentos e funções do mundo urbano. Mas a clareza da estrutura e a expressividade da identidade são os primeiros passos para o desenvolvimento de símbolos fortes. Ao aparecer como um lugar admirável e bem interligado, a cidade poderia oferecer uma base para o agrupamento e a

²⁰ NORBERG-SCHULZ, 1976: 454.

²¹ *Idem.*

organização de tais significados e associações. Em si mesmo, esse sentido de lugar realça todas as atividades humanas que aí se desenvolvem e estimula o depósito de um traço de memória. Devido à intensidade de sua vida e ao aglomerado de gente tão dispar, a cidade grande é um lugar romântico e rico em detalhes simbólicos. Para nós, é tão esplêndida quanto aterradora, “a paisagem de nossas confusões”, como Flanagan a chama. Se fosse legível, realmente legível, o medo e a confusão poderiam ser substituídos, com prazer, pela riqueza e pela força do cenário²².

9. Uma imagem viável requer, primeiro, a identificação de um objeto, o que implica sua diferenciação de outras coisas, seu reconhecimento enquanto entidade separável. A isso se dá o nome de identidade, não no sentido de igualdade com alguma outra coisa, mas com o significado de individualidade ou unicidade²³. Assim como um artefacto qualquer, a exemplo do marco-padrão português – estruturas constituídas por uma trave em cantaria sobre a qual esculpia-se o brasão de armas da coroa – que, distribuído ao longo de todo o território conquistado, demarcava-o e simbolizava a soberania portuguesa, as edificações possuirão conteúdo e também serão capazes de transmitir mensagens, demarcar o espaço e participar ativamente na criação da identidade de um lugar: *A identidade humana, portanto, pressupõe a identidade do lugar²⁴*: em razão da posição social ocupada pelas pessoas, pelos sistemas de pensamento por elas desenvolvidos e pelas questões políticas e culturais, é que se determina a porção do mundo acessível, ou seja, perceptível pelas faculdades humanas²⁵.

10. Com efeito, são considerados ícones, os signos que possuem uma correspondência formal direta com aquilo que estão a representar. Poder-se-á objetar, contudo, que todo o universo arquitetônico é icônico, mesmo nos casos em que assumidamente não se teve a pretensão de criar um ícone, uma vez que o campo disciplinar da arquitetura é direcionado à criação de imagens, físicas e mentais. Entretanto, ainda assim, permanece inalterável o facto de que uns edifícios são mais icônicos do que outros e de que algumas edificações são idealizadas precisamente para o cumprimento deste propósito. Tal e qual uma obra de arte, que permite múltiplas interpretações, quanto mais facilmente forem distinguidas, em relação às demais construções, as formas de um edifício, mais icônico ele será. Mais variadas serão as suas leituras e mais fortes serão as imagens mentais por ele estimuladas que, por sua vez, tão mais eficazes serão, quanto maior for o número de indivíduos que envolverem.

²² LYNCH, 1997, 2006: 134-135.

²³ *Idem*: 9.

²⁴ NORBERG-SCHULZ, 1976: 457.

²⁵ Cf. RANCIÈRE, 2009.

11. O conceito de iconicidade está associado, portanto, às propriedades essenciais dos artefactos: no âmbito da arquitetura, à espacialidade e ao caráter das construções. De maneira sucinta, princípios formais lógicos, originais, imutáveis, atemporais e genéricos, denotam as formas arquitetônicas primogênicas: o arco, o dólmen, o templo, a cabana primitiva, a cova, a escalinata²⁶. Destas, provêm os arquétipos, tipos arquitetônicos validados pela história, cuja forma é ideal: ao mesmo tempo em que elementar e abstrata, é pregnante e repleta de significado. Empregues na concepção dos edifícios icônicos, estes elementos transformam o *genius loci*, «[...] o ‘espírito do lugar’ que os antigos reconheciam como aquele ‘outro’ que os homens precisam aceitar para ser capazes de habitar»²⁷. Desse modo, o observador ao reconhecê-los como entidades separáveis, atribui-lhes identidade e, concomitantemente, identifica-se com o ambiente em que ambos estão inseridos. Os seus efeitos poderão, portanto, ser infinitamente determináveis, variando também conforme a natureza das pessoas e a ideia que elas fazem do lugar, ou seja, conforme a *memória coletiva*²⁸.

12. Curitiba, capital do Estado do Paraná, localizado na Região Sul do Brasil, é notadamente reconhecida como modelo pelo sistema público de transportes inovador e por um conjunto de projetos de arquitetura e iniciativas urbanísticas associados a uma linha de pensamento considerada eco eficiente²⁹. Com pouco mais de trezentos anos e cerca de três milhões e meio de habitantes³⁰, é a quinta cidade mais populosa do país e já sediou grandes eventos como a *United Nations COP8 (2006)* e a *Copa do Mundo FIFA de Futebol (1950 e 2014)*. Com poucos atrativos naturais, não surpreende o facto de que os principais cartões-postais da cidade são precisamente edificações icônicas que acompanharam o crescimento vertiginoso da cidade nas últimas décadas.

13. Essas intervenções, intensificadas nos anos 1990, resultaram na criação de um conjunto de importantes marcos referenciais que, por sua vez, consolidaram a identificação com dos curitibanos com a própria cidade (Fig. 3 e 4). Como componentes detectáveis da estrutura complexa³¹, os equipamentos públicos procuravam expressar o que são os curitibanos, o que os constitui, o que os representa. Destacados na paisagem urbana, considerada para além do conjunto coerente de elementos que organizam visualmente os diferentes tipos de espaço que consti-

²⁶ MONTANER, 2012: 90.

²⁷ NORBERG-SCHULZ, 1976: 449.

²⁸ Cf. ROSSI, 2001: 197.

²⁹ Cf. MONTANER & MUXÍ, 2013: 128-129.

³⁰ Considerando-se a população da Região Metropolitana (PMC, 2016).

³¹ ROSSI, 2001: 114-117.

tuem o ambiente urbano³², a manifesta representação da arquitetura da cidade³³, os casos de estudo analisados utilizam extensiva e intencionalmente os arquétipos como recurso para a construção de uma nova imagem da cidade.

14. Nos memoriais que homenageiam os povos europeus que são considerados constituintes primários da população curitibana, como o *Bosque do Papa João Paulo II* (1980), remontaram-se “casas típicas” polonesas da década de 1870. Articuladas em torno de um pátio central, conformam uma vila artificialmente montada nos anos 1980, quando da passagem do pontífice Carol Woithila pela cidade. Exemplares legítimos da adaptação da cultura construtiva dos colonos poloneses às circunstâncias locais do século XIX, *per se* arquetípicas, quando posicionadas lado a lado constituem um conjunto ainda mais icônico. Estratégias semelhantes acompanharam os planos para o *Bosque Italiano* (1993), o *Memorial Ucraniano* (1995) e o *Bosque Alemão* (1996).

15. O *Setor Cultural Largo da Ordem* (1996) compreende uma série de construções no Centro Histórico de Curitiba, dentre as quais o *Memorial da Cidade de Curitiba* e a *Casa da Memória* (Fig. 5). Na primeira, alude-se à *araucária angustifolia*, espécie arbórea nativa e símbolo oficial do Estado. Uma grande cobertura metálica fixada num pilar central de betão armado remete, respectivamente, aos galhos e ao tronco principal da árvore, ao redor do qual dispõem-se salas de exposição e apresentação. Estratégia de organização similar que já havia sido empregue na *Torre Panorâmica das Mercês* (1991), que nada mais é do que a figura da araucária, as plataformas fazendo a vez dos galhos, e o robusto pilar central de betão armado, a vez do tronco central. Na *Casa da Memória*, replicam-se as formas geométricas das construções do núcleo original da cidade, uma composição de “recorte e colagem” que é facilmente reconhecível na ordem e estrutura das aberturas, bem como na lanterna da escadaria.

16. Eventualmente, a figura conformada pelo edifício é lida de maneira tão evidente pelas pessoas, que acaba por alterar o nome da construção. O *Museu Oscar Niemeyer* (2002) é conhecido pela população local como *museu do olho*, devido ao aspecto visual assumido por uma de suas salas de exposição. Não se pode afirmar que Oscar Niemeyer tenha recorrido ao *animismo* ao conceber esta parte do edifício, embora suas linhas gerais lembrem as de um olho humano. Recursos de abstração da forma, são também verificados nas edificações da *Ópera de Arame* (1992) e da *Universidade Livre do Meio Ambiente* (1992). Em ambos, Domingos Bongestabs decompôs o sólido geométrico do cilindro num polígono estrelado, cujas faces recebem as estruturas de vedação. A regularidade geométrica se opõe

³² Cf. CULLEN, 1971: 9-14; 195-197.

³³ Cf. ROSSI, 2001: 198.

às irregularidades da paisagem natural envolvente: do intencional jogo de opostos, a proeminência.

17. Conquanto mecanismos de abstração formal, tais como a *unidade*, o *deslocamento*, a *superposição*, e a *continuidade*, sejam axiomáticos nas concepções da *Estufa do Jardim Botânico Municipal (1991)* e da *Rua 24 horas (1991)*, estas construções não deixam de ser reproduções de arquiteturas estrangeiras. Ambas têm na figura envidraçada de pavilhões europeus do século XIX, apelidados de palácios de cristal, fonte de inspiração. Nelas, para além do emprego de formas elementares, não há distinção entre as vedações laterais e a cobertura, o que lhes confere uma solidez monolítica. Tal e qual ocorre com as *estações-tubo*, paragens de autocarro recobertas por um pano de vidro apoiado sobre pórticos metálicos tubulares. Produzidas em série, elas são igualmente protótipos, sistematicamente replicadas ao longo da cidade.

CONCLUSÃO

Através dos edifícios icônicos, os arquitetos são capazes de modificar a configuração dos lugares e, com isso, atribuir-lhes novas identidades. Em Curitiba, do protótipo das paragens de autocarro, denominadas *estações-tubo*, aos arquétipos empregues na

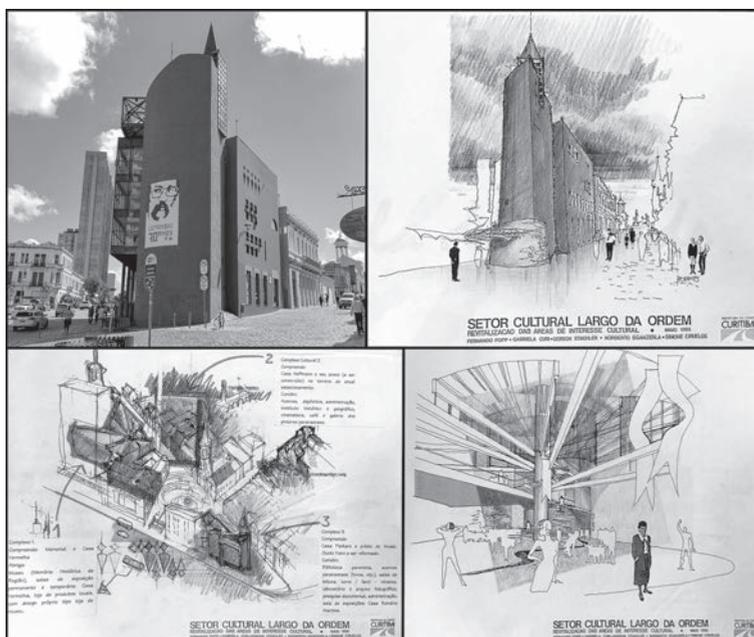


Fig. 5. Fotografia da *Casa da Memória* e pranchas do projeto para o *Setor Cultural do Largo da Ordem*. Fonte: acervo do autor e IPPUC.

concepção dos seus equipamentos públicos mais importantes, evidencia-se a utilização de artifícios para a construção de uma imagem clara e coerente para a cidade. A partir da seleção cuidadosa de referências locais e culturais, presentes nos mais distintos elementos arquitetônicos com que os equipamentos públicos foram concebidos, os projetistas reafirmam um potencial simbólico para a arquitetura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGREST, Diana; GANDELSONAS, Mario (1973) – *Semiótica e arquitetura: consumo ideológico ou trabalho teórico*. In NESBITT, Kate (org.). (2006,2008). *Uma nova agenda para a arquitetura moderna*. São Paulo: Cosac Naify, p. 130-140.
- BAEZA, Alberto Campo (2013) – *Principia Architectonica*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- BAUDRILLARD, Jean (1968, 2007, 2015) – *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva.
- BORDIEU, Pierre (2015) – *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- CHAFES, Rui (2012,2014) – *Entre o céu e a terra*. Lisboa: Documenta.
- CHOAY, Françoise (1992, 2001, 2006) – *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP.
- COLQUHOUN, Alan (2004) – *Modernidade e tradição clássica: ensaios sobre arquitetura 1980-1987*. São Paulo: Cosac Naify.
- (1967,1981) – *Tipologia e metodologia de projeto*. In NESBITT, Kate, org. (2006,2008) – *Uma nova agenda para a arquitetura moderna*. São Paulo: Cosac Naify, p. 273-283.
- CULLEN, Gordon (1971) – *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70.
- FLORIËNSKI, Pável (2012) – *A perspectiva inversa*. São Paulo: Editora 34.
- FRAMPTON, Kenneth (1983) – *Perspectivas para um regionalismo crítico*. In NESBITT, Kate, org. – *Uma nova agenda para a arquitetura moderna*. (2006,2008), p. 504-520.
- INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA – IPPUC.
- LEMONS, Carlos (1987, 2006) – *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Brasiliense.
- LYNCH, Kevin (1997,2006) – *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- MONTANER, Josep Maria (1997, 2012) – *A modernidade superada*. São Paulo: Editora Gustavo Gili.
- MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida (2011, 2013) – *Arquitectura y Política – ensayos para mundos alternativos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. (tradução livre do autor).
- NORBERG-SCHULZ, Christian (1976) – *O fenômeno do lugar*. In NESBITT, Kate (org.). (2006,2008) – *Uma nova agenda para a arquitetura moderna*. São Paulo: Cosac Naify, p. 443-461.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA – PMC.
- RANCIÈRE, Jacques (2005, 2009) – *A partilha do sensível. Estética e política*. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34.
- ROSSI, Aldo (1995, 2001) – *Arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- SAUSSURE, Ferdinand de (27ª ed., 2006) – *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.
- UNWIN, Simon (2009,2013) – *A análise da arquitetura*. Porto Alegre: Bookman.
- WAISMAN, Marina (2011,2013) – *O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos*. São Paulo: Perspectiva.

